

PERSIA — MESQUITA DE SULTANIEH.

É a Persia uma vasta região da Asia, medindo cerca de 500 leguas de comprimento sobre 400 de largura, limitada ao norte pela Turquia d'Asia, e o golfo persico, e a este pelo Indostan.

Poucos paizes haverá no mundo que tanto devam á natureza e tão pouco á industria do homem. É verdade que uma parte d'elle é arida e esteril, mas na outra, que é a mais importante, os terrenos são feracissimos e de uma producção immensa.

Calcula-se que apenas um vigesimo de territorio persa estará aproveitado; e comtudo a Persia produz muito trigo, arroz, cevada, milho, deliciosas linho, canhamo, tabaco, algodão, excellente vinho, etc. e tudo isto em grande abundancia, d'onde podemos colligir o grau de prosperidade e riqueza a que chegaria se fóra habitada por uma raça menos indolente.

Não se entenda, porém, que os persas são ineptos e incapazes de qualquer applicação: pelo contrario, em todo o oriente não ha homens mais intelligentes e robustos; tem a maior habilidade para as artes e officios, e quando querem sabem apresentar productos que espantam pela perfeição os artifices mais entendidos. Uma certa indolencia, que se não póde talvez explicar, faz com que desprezem ou não procurem tirar todo o partido das riquezas de que estão, para assim dizer, rodeados.

Será esta indolencia produzida por alguma influencia climaterica, ou antes deverá attribuir-se ás instituições por que o povo persa se governa, e á religião que professa? Nós inclinamo-nos mais ás duas ultimas hypotheses.

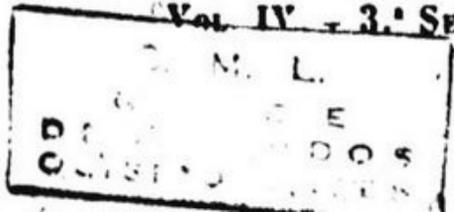
Deixemos, porém, o que não importa ao presente artigo, e pertence aos pensadores e aos philosophos, e vamos direito ao nosso proposito.

Quando não houvesse outras demonstrações da capacidade artistica dos persas, bastaria para proval-a examinar com animo desprevenido muitas das construcções, assim civis, como religiosas, de que com razão se ufanam.

Referir-nos-hemos a estas ultimas, sem tratar comtudo dos mais antigos monumentos religiosos da Persia, isto é, dos templos de Zoroastro, e dos guebros.

Entre os edificios destinados ao culto official, que é, como se sabe, o islamismo, distingue-se a mesquita de Sultanieh. Convem saber que Sultanieh, situada em uma vasta campina, é uma cidade hoje quasi despovoada, mas de cujos edificios ainda se podem admirar grandiosos fragmentos.

Foi a mesquita construida no decimo quarto seculo pelo shah mogol Mohammed Codabendah. Um terremoto no principio d'este seculo a damnificou bastante. Como quasi todos os edificios d'este genero é feita inteiramente de tijolo, erguendo-se do centro uma airosa cupula ou zimborio, que não tem de altura, contando do chão, menos de quarenta metros, sustentado por outro arcos. É a cupula exteriormente estucada primorosamente de branco e azul claro. Os minaretes, ou torrinhas com que os architectos costumam decorar esta especie de edificios, eram quatro, e os mais altos de toda a Persia; d'esses pouco resta, tendo desabado com o tremor. Interiormente são as paredes da mesquita guarnecidas de soberba porcelana dourada,



A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTÓRICO.

INTRODUÇÃO.

Mais uma novella sáe a tentar fortuna:

Que sorte a espera em caminhos tão perigosos?

Como outras mais dignas de acolhimento, recebida pela indiferença, irá fazer no silencio, ou ditosa, sem prendas, descansará nos braços d'essa hospitalidade benevola, que em uma hora paga mezes e annos de vigílias?

Deus o sabe!

São estas as creações do acceso imaginar, de que fallavam os trovadores, e por mais que se queira disfarçar, o coração do auctor, verdadeiro coração de pae, é inseparavel d'ellas, seguindo-as ancioso pela beira do precipicio, e acompanhando-as de cuidados até alcançarem o suspirado termo da jornada.

Será orgulho só, e cubiça de gloria?

Não! É que as filhas da intelligencia tambem são filhas queridas, e levantando-se para entrar no mundo, levam-nos comsigo a alma e o amor! Nasceram de nós, e vimol-as balbuciar e crescer, e nas longas noutes, em que o pensamento percorre as ruinas do passado, e os espaços infinitos, que a imaginação povôa, conversaram com o nosso espirito, e fizeram o seu enlevo.

De que modo brotam, e quem dá o ser a estes entes ideaes que a chamma do engenho torna mais duráveis muitas vezes do que a propria realidade? Um raio de luz, um sorriso da phantasia, um acaso basta!

Entre mil confusas sombras, que se agitam, a mente escolhe, e infunde-se em algumas. Então o quadro surge sem podermos dizer como; a tela anima-se pouco a pouco, e as figuras, já com as côres da vida, começam a existir, umas para não morrerem como as de Romeo, de Hamlet, e de Beppo, outras para brilharem um só momento, e logo se apagarem no tropel das outras que vem chegando.

A fórma o que faz depois é pintar ou cinzelar seguindo a visão interior; mas a imagem está dentro d'alma; só ella a vê e a sente, e nem tinta, nem palavras a revelam como nos appareceu, com metade da viveza com que nós a concebemos.

Este romance nasceu assim, e do mesmo modo nasceram, e hão de nascer outros.

A leitura de alguns capitulos do segundo volume da *Historia de Portugal* do meu amigo A. Herculanos suscitou o assumpto. Disposta a imaginação um dia accordou de repente aquillo, que um escriptor allemão denomina o nosso sexto sentido, e boa ou má, feliz ou deploravel, estava traçada a obra como havia de ficar, e como hoje se offerece, porque a reflexão e a lima podem polir as grossuras e os defeitos superficiaes, mas na essencia não tocam, sob pena de sair um monstro, ou talvez peor, uma estatua regelada.

Depois de feito o livro era facil ligal-o a remontadas cogitações, e administrar-lhe o baptismo philosophico; mas, tendo a desgraça, ou a ventura, de acreditar pouco na missão politica da arte deixei as theorias sociaes e os problemas grandiosos no lugar que lhes pertence. Sempre entendi que se invadiam assim, mas talando-as, duas provincias independentes; e que a preconizada conquista de uma pela outra, seria victoria ephemera, e pouco digna de louvor se em verdade é licito dizer-se que seja victoria!

Interpretar fielmente a natureza, expressar os grandes rasgos, de que se compõe a physionomia de uma

epoca, e não desvairar muito na analyse do coração humano, decifrando por elle o mysterio da existencia, pareceu-me sempre não ser a menor difficuldade do genero; e como raros a tem atravessado incolumes, acho que os Coopers, os Walter Scott, e tantos imaginadores da mesma escola, occupam de direito o posto, que o triumpho lhes grangeou.

Se elles, que foram os mestres, temeram passar além, e se os seus monumentos nem por isso deixam de ser vistos de toda a parte, em quanto desabam em ruinas, dias depois, as construcções ambiciosas dos innovadores, creio que não merecerá censura o aterse qualquer tão obscuro como eu aos bons modelos, e de longe, na immensa distancia, a que se reputa d'elles, fazer por agradar sem se atrever a mais.

De Cervantes a sir Walter Scott e a Goethe, desde o immortal romance do Quixote até á soberba epopea em prosa de *Ivanhoé*, e á sombria e esplendida manifestação de *Fausto*, a fórma tem adiantado muito.

Não sei se resta ainda que innovar, ou se a reforma deverá parar ahi, por maior prudencia. É delicada e espinhosa a questão!

Entretanto não duvido accrescentar que a verdadeira originalidade reside para mim na idéa, na propriedade com que se retrata, na expressão e na côr dos costumes, que se avivam.

A travessura, que se jacta de infringir deliberadamente as regras, e que chama arrojo e novidade ao mixto hybridado da anarchia, nunca me deslumbrou. Vive apenas da curiosidade vulgar, e como esta se desvanece com a mesma rapidez com que se excita, o que torna o livro duravel e acceto, a estima e a correção, hão de faltar eternamente, e nada o poderá sustentar na sua queda.

Imaginando um romance, e collocando a fabula nos fins do segundo quartel do seculo treze, procurei desenhar as feições das diversas classes com a possivel exactidão, explicando ao mesmo tempo o *viver e crer* da epocha, e os interesses e idéas que a animaram, na prolongada lucta, que acabou por fim arrancando a corôa as desditoso Sancho II.

A scena historica de si grandiosa e variada, encerra elementos, que a phantasia mesmo nem sempre ousaria conceber.

Interpretados por uma consciencia austera, e por uma critica elevada, os monumentos revelam-nos a maior parte do segredo tenebroso; e os dous vultos principaes de Sancho Capello, e do astucioso conde de Bolonha, seu irmão, levantam-se do sepulchro, e quebram com a lousa as mentirosas inscrições, que a lisonja ao vencedor, e a calumnia contra o vencido tinham lavrado no marmore, sem pejo de profanar a paz dos mortos, ultrajando a justiça de Deus!

Quem ler a narração, direi antes esculptura de relevo em que A. Herculanos estampou a imagem d'este periodo, não menos fertil em perfidias e infamias, que fecundo em rasgos de nobre lealdade, apenas voltar as primeiras paginas, logo sente activas e energicas em torno de si as paixões ardentes da meia idade, vendo passar os homens, como a epocha os formára, e o odio das parcialidades os caracterizou.

Que mais é preciso para o romancista delinear o painel, distribuir as figuras, e adaptar o colorido á scena?

Desenhando por modelos tão perfeitos que mais se desejará ainda para fundir o ideal em typos vigorosos e naturaes? Não acha ali conglobados e em um só tantos dramas de acção e de sentimento? Não sacodem os sudarios á nossa vista, interrompendo o pe-

zado somno de sete seculos, esses guerreiros, cujo peito foi de ferro como as armas, esses prelados orgulhosos, cuja voz envenenou a lucta, e, embora fossem poucos, esses corações de ouro, firmes no dever, que abraçados ao infortunio preferiram o caminho do desterro com o principe desditoso á versatilidade affrontosa de ornar o triumpho da ambição?

A tradição, lembrando-se mais do que a historia, symbolisou em um só nome toda a poesia d'estes exemplos raros, mas admiraveis. Martim de Freitas recusando entregar as chaves de Coimbra, em quanto não se levantasse desobrigado do preito pelo testemunho dos seus olhos, é a personificação dos cavalleiros, que não dobraram a fé a dadas e ameaças.

Como Egas Moniz o velho lidador exprime em toda a formosura viril do typo os brios da antiga honra portugueza, e a generosa abnegação do sacrificio! Depois d'elle encontraremos ainda nas vespuras de D. João I o alcaide de Faria.

Não se imagine, porém, que, apontando o severo desenho da historia, o acceitemos para nós como juizo ou queiramos impol-o como regra absoluta, e limite d'esta qualidade de novellas. Longe d'isso! Era fazer de duas cousas optimas uma pessima.

A verdade da poesia não é a verdade austera da sciencia. A invenção é o estylo sempre desfalleceram em ferros, e não os ha mais duros, que a cega obediencia, que similhante systema exige.

Como as fadas dos contos populares o romancista gosa de altos privilegios. Basta um aceno da sua varinha de condão, tambem, para as distancias desaparecerem, para os segredos escondidos se descobrirem, e em casos urgentes e extremos, para até fallarem vivos e sadios personagens, que annos antes tinham deixado o mundo e as suas vaidades.

Nem sempre, nem nunca é a sua divisa.

Guardadas as leis da verosimilhança, póde lavar como entender a moldura da sua fabula. A historia será como um espelho aonde ella se reflecta.

Uma vez que sejam humanas e possiveis as figuras, e que por obras e palavras não desmintam as crenças e os costumes, ha plena liberdade de saír e entrar, de mandar fallar os mudos, e de resuscitar os mortos.

As normas prescriptas pelo gosto e pela arte só lhe prohibem o absurdo, a incoherencia, e a deformidade; porque os monstros em toda a parte são horrorosos.

No mais interpretação livre e independente:

Nunca me pareceu grande mola dramatica o bello-horrendo.

Sem excluir de todo os Quasimodos e Hadibras, acho muito mais graça á redonda e galhofeira pessoa do nosso amigo Sancho Pansa, e ao empinado ventre e jovial presença do honrado sir John Falstaff, o Sancho inglez, que Shakspeare nos deixou como protesto contra o spleen da sua nevoenta e enfumada Albion. Se a familia dos Adonis e Narcisos não é extensa, nem espirituosa, a nova raça dos abortos physicos e dos aleijões moraes, não vejo que possa e deva supprir as vagaturas com bom exito.

Felizmente os pezadellos litterarios envelheceram depressa; e hoje não é já vulgar o perigo de encontrarmos o cemiterio no prologo, o purgatorio no segundo acto, a dansa das caveiras no terceiro, e o inferno, com os seus demonios e diabruras, no epilogo.

Deus é grande!

Nunca senti mais viva e sincera commoção do que ouvindo representar a admiravel tragedia de Fr. Luiz de Sousa.

Nunca tanto se me comprimiu o peito, nem me saltaram assim as lagrimas, como assistindo áquelle espantoso sacrificio de duas almas innocentes e amantes, condemnadas a sobreviver á propria ternura e felicidade, sepultando o coração a arder ainda na fria mortalha do claustro!

Que drama, que paixão, e que immenso e profundo terror!

O dialogo contudo parece que todos o podiam dizer facilmente; aquellas scenas e aquellas pessoas julgar-se-fa que foram da nossa intimidade, e que chorando e magoando-se estavam connosco ha pouco ainda, e a nós se queixavam.

Sem exagerações, sem antithises forçadas, sem imagens estrondosas, a acção chega ás ultimas raias da sublimidade tragica, e a prosa, subindo insensivelmente, vòa aonde raras vezes se remontou o verso!

Tudo ali é natural e verdadeiro; e entretanto o ideal, na sua mais elevada e grandiosa expressão, domina tudo!

Assim é que devo crer a arte. A originalidade consiste n'aquelles toques finos, n'aquella voz e sentir tão nossos, tão portuguezes, que nem um momento nos deixam perceber que assistimos a uma ficção.

Que venham os abortos e os monstros depois, e as suas visagens e arremeços; e em vez de terror causarão riso.

Farão o mesmo effeito, que a formosura ingenua e simples ao pé de velha casquilha e rebocada.

Deve, porém, notar-se que o seculo XVI não é o seculo XIII, e que a interpretação, que n'aquelle exprimia a verdade da vida, n'este seria falsa e incompleta.

De Philippe II a Affonso III, e mesmo a D. Manuel, a jornada póde dizer-se longa, e a todos os respeitos bem diversa.

Nos quadros da meia idade o maior perigo consiste em se lhes errar a expressão, attribuindo ás paixões e sentimentos linguagem e caracter, que lhes foram desconhecidos, e que transportam a acção para annos muito posteriores.

Ha um certo verniz moderno, que é mortal para as scenas antigas, porque as retinge, desfeia, e desmente a cada momento.

Em uma carta de mr. Prosper Merimée, escripta ácerca de um dos meus ensaios de novella com excessiva benevolencia, o auctor de *Colomba* e de *Carmen* censura o personagem de Gomes Lourenço, e observa que o acha demasiado sensivel e delicado para a epocha remota em que figura. Estou certo de que será assim; mas por mais que o desejemos não é sempre facil, sobre tudo em rasgos apaixonados, respirar exclusivamente na atmospheria de um seculo extinto, traduzindo as idéas, e os vocabulos de tal modo, que as entendam todos, e que o verdadeiro cunho se não apague.

N'aquellas eras de rudes cavalleiros, e de pouco menos rudes prelados, os actos e as palavras concordavam com os costumes; mas os crimes e os vicios, se não eram em menor escalla, levavam aos de hoje a vantagem unica de não se aggravarem com a hediondez da hypocrisia.

A força, manifestada em tudo, zombava das leis, atropellava os direitos, e nem sempre se detinha respeitosa ás portas do templo, e diante das aras consagradas; porém no seu impeto brutal julgaria rebaixar-se, recorrendo a pretextos e sophismas para se escudar.

Encostado á lança, ou com a mão no punho da es-

pada, o rico-homem fallava como senhor, e opprimia como tyranno, se olhando em roda, e contando os seus, podia suppor que ficava impune. Mosteiro, concelho, terras do rei, ou bens de burguez, nada escapava á sua cubiça, uma vez que julgasse facil a preza, e seguro o lanço. As suas armas, como as garras da aguia, caíam sobre quanto lhe podia despertar o appetite.

Mais brandas, mas trahindo a aspereza do seu tempo mesmo por entre a suavidade do sexo, as mulheres não desdiziam da feição geral do seculo. A sua ternura á mais leve injuria sabia fazer-se cruel e desapiadada. A febre do ciúme, ou o resentimento do orgulho, descompondo-lhes a belleza, e mudando n'um instante o coração, depressa o convertiam de mavioso e bom em implacavel e quasi ferino.

Não são raros, nem difficeis de colher os exemplos d'isso!

Ha mais seductor e fascinante olhar, que o da donzella arabe, quando a pupilla negra e avelludada n'um relampago fugaz denuncia o jubilo quasi selvagem do amor, que lhe agita os seios, e alegra os labios de um riso tão seductor? Que se veja illudida ou affrontada, e os mesmos olhos tão meigos antes, que pareciam distillar em torrentes todas as doçuras do affecto, accesos subitamente em sinistra chamma, logo hão de revelar que fugiu o anjo, porque d'ahi em diante mora n'aquelle peito, cujas dores são fundas e silenciosas, o pensamento da vingança e a impaciencia do ultrage!

A gazella transforma-se em tigre, e se esconde as garras por um momento é só para levantar o salto com mais certeza. Na existencia ignorada e agreste do aduar, nas espaçosas campinas, que se estendem a beijar as orlas do vasto mar de areias chamado Sahara, quantos dramas semelhantes se têm desenlaidado, affogando a morte repentinamente o amante credulo, quando cuidava reclinar-se nos braços da ternura?!

Eis o que procurei não perder de vista no esboço dos caracteres, e na descripção das scenas.

Abstive-me, porém, de remendar o dialogo de palavras obsoletas. Aonde não chegam as dos nossos dias preferi estender a phrase para melhor aclarar o sentido.

Um romance que fosse necessario verter da lingua velha para a nossa com o *Elucidario* de um lado, e o *Glossario* de Ducange do outro, seria talvez uma obra prima como testemunho de erudição, mas duvido que á sexta pagina deixasse de vencer a insomnia mais teimosa.

Prezando a linguagem verifacula e o estylo correcto não levo a paixão tão longe, que busque de proposito o extremo opposto, mascavando de archaísmos, joeirados a esmo, periodos escriptos para serem entendidos por todas as classes.

Estrangeirar a dicção por moda é prova de ignorancia; carregal-a de termos desenterrados dos entulhos dos bacamartões, é signal de se dar mais apreço á fórma do que ao pensamento, sacrificando á ufanía de alardear riquezas, que nem sempre o são, e que mesmo sendo-o devem-se introduzir com escolha e discrição.

Foi o grande erro do bom Filinto Elysio, e pagou-o desviando da leitura das suas obras duas partes dos admiradores que ellas teriam se alatinasse menos, e medisse com mais escaça mão os ornamentos quinhentistas com que as enfeitava.

Para mim a pureza differe tanto da impertinencia dos vocabulos esmerilhados, quanto a virtude riso-

nha e sinceramente christã se afasta dos biocos e reverencias da falsa devoção.

A lingua é um instrumento para a expressão das idéas, e por isso deve acompanhar todos os progressos da sua epocha, e traduzil-os com clareza. Fazel-a voltar dous seculos atraz a pretexto de a purificar, forçando-a a locuções desusadas e a termos carunchosos (perdõe-se a phrase) equivale a vestir um rapaz gentil com o venerando traje de nossos bisavós. Ninguem de certo lhe invejaria a figura, nem o garbo!

Outra culpa vou confessar aqui, já que n'esta larga conversação estou dando conta de quanto se póde inquirir a respeito d'esta mui veridica narração, que um novelleiro do seculo XVI intitularia sem remorso *Dos claros amores de el-rei D. Sancho e das manhas da rainha D. Mecia*.

O meu peccado ou foi muito grande, ou é muito pequeno, segundo a severidade dos que o julgarem.

Metti em scena, embora achacado e velho, o bispo de Coimbra D. Pedro, que tinha fallecido doudo annos antes de 1246, data em que abro o meu romance. Roubei assim a mitra por longos mezes ao reverendo mestre Tiburcio, valido do conde de Bologna, e pelo que dizem as informações, homem pouco talhado para soffrer semelhantes graças.

Vale-me felizmente não poder sua reverencia excommungar-me da sepultura, como excommungava os cavalleiros do bando de el-rei D. Sancho... senão era obrigado a enviar o pobre demente para a sua cova, perdendo a pintura de um dos aspectos mais curiosos d'este seculo inquieto.

A paz seja com todos! Mas em boa fé uma novel-la rigorosamente chronologica deve de ser bem insipida e emperrada cousa! Deus a arrede das nossas horas de melancolia!

Tendo fallado de quasi tudo, seria falta de cortezia deixar de dizer um pouco dos heroes d'esta veracissima e authentica historia.

Quando ella se compoz, houve de certo a intenção de traçar mais do que scenas avulsas, ou de levantar os vultos sobre si. O pensamento que se liga, e que procura dar ao quadro alguma fórma de merecimento e de unidade, talvez não perca por ser illudido concisamente. Prezo por um, prezo por dez mil, reza o adagio! Já agora ainda abusarei da paciencia dos leitores, pedindo venia para lhes apresentar quasi á ingleza os meus personagens mais illustres, acompanhando-os de breves notas. Direi o que se quiz tentar, e vêr-se-ha melhor assim o que se conseguiu.

Compondo a *Pena de Talião* desejei abranger em uma só ficção o complemento moral de outro romance já publicado, *Odio velho não causa*, e ao mesmo tempo retocar uma novella inscrita na *Revista Universal Lisbonense* com o titulo de *Rauso por Homisio*.

Ambas imperfeitas como saíram da rapida composição que requer uma folha semanal, tiveram a innocencia (devida aos poucos annos!) de se atreverem ao estudo de epochas espinhosas de interpretar, e ainda mais difficeis de descrever; e embora sejam immensos os erros, e nenhuma as bellezas, certa inclinação que não se explica, mas que todos sentem pelas primeiras tentativas, decidiu o auctor a não as largar de mão, limando em uma as maiores asperezas antes de a offerecer de novo nas columnas do *Panorama*, e desatando hoje o enredo, e alargando o acanhado círculo da outra, que n'este romance apparece ainda, mas reduzida só ás proporções de simples episodio.

No *Odio velho* expoz-se a paixão no seu impeto, e a vingança inexorável, que provocou, auctorizada pelos costumes e pelas leis.

O character indomito de D. Maria Paes Ribeiro, e o amor desgraçado de Gomes Lourenço formam o nó da acção, e encerram os elementos dramaticos, que ella envolve. As duas familias rivaes dos Viegas e dos cavalleiros de Lanhoso, separadas por um rio de sangue, aggravam com o ultimo crime as longas discordias que as dividiam.

A morte de Martim Paes, e os remorsos da orgulhosa dama sua irmã sim começam a expiação; mas dos labios do mancebo trahido safu uma imprecação tremenda, a mesma que foi lançada sobre Caim diante de Abel assassinado. O odio das duas raças inimigas não expira com os primeiros que arderam n'elle. Os filhos recebem inteira a sua herança de lagrimas, e das cinzas quasi frias dos paes ainda se ateia chamma igual para os queimar a elles.

A *Pena de Talião* representa este reverso do *painel*.

Na idade grave aquelles que depois de avisados desprezaram a voz do céu, sentem a espada do castigo sobre a cabeça, e nem mesmo encostando-a ao sepulchro podem descansar. De dentro d'elle vóa o grito do remorso, e o fatal pregão de que a culpa será remida á custa da ventura de seus filhos.

D. Maria Paes na extrema velhice, e Fr. Sueiro em idade cansada são como dous espectros que o passado evoca. Affonso e Branca no verdor da mocidade, e na pureza do mais extremoso affecto, pizam descuidados as primeiras flores da vida, e caminham, innocentes de tudo, e sem o saber, para o sacrificio que ha de congraçar pelo amor as antigas rixas, apagando os vestigios do sangue.

A par d'estas figuras, filhas da imaginação, movem-se as que viveram e choraram sobre a terra.

Sancho II, D. Mecia de Haro, Martim Gil de Savorosa, Reimão Viegas de Porto Carrero, Mestre Vicente, e outros, pertencem á historia, e foram desenhados pelos modelos que ella offerece.

Talvez pareça favorecido o retrato do infeliz monarcha, e carregado o da mulher, que ajudando a precipital-o, fingindo ternura que não sentia, cravou o derradeiro punhal n'aquelle ulcerado coração, cujas maguas só ella podia consolar.

O que a historia aponta por conjecturas, o romance tem o direito de o figurar como realidade.

Vendido por quasi todos, e atraído pela esposa da sua escolha, o principe, na terra do desterro, alongou os olhos para a patria; e dictando as ultimas vontades não soltou uma saudade, ou uma allusão que revele a maior paixão que lhe abraçou a alma.

Este silencio do infortunio sobre ella é a sentença de D. Mecia.

Fiel e sensível, o seu logar era ao lado do pobre foragido, que já inclinava os passos para o sepulchro. Ausente e livre, como a vemos logo depois do rapto de Coimbra, o desprezo com que seu esposo nem lhe quer pronunciar o nome diz-nos quanto Sancho padecia, denunciando ao mesmo tempo quanto ella ousou.

Pouco mais temos a acrescentar.

É provavel que alguns austeros levantem as mãos ao céu com horror, lendo alguns episodios a que não duvidamos dar a côr do seculo. Saibam, se os molestam, que os monges e veneraveis prelados d'aquelle tempo, com excepções, eram peiores ainda do que os pintamos.

Quem o estranhar sem grande trabalho pôde de-

senganar-se. Percorra a narração das proezas de D. João Peculiar em Coimbra, de Martinho Rodrigues no Porto, é de Diogo Gelmires em Compostella; e se os actos de violencia, os desacatos e as torpezas e cubicas d'estes virtuosos varões não o espantarem concedemos-lhe que nos accuse por calumniadores, e nos condemne como impios.

Nas scenas populares seguimos tambem os monumentos; collocando os cavalleiros villãos e os peões de Coimbra defronte dos burguezes de Leiria, e em presença do cabido sublevado, não fizemos senão esboçar uma das perspectivas da grande lucta civil e religiosa, que principiada nos dias de Affonso II entre o rei, o clero e a nobreza, veiu a terminar-se pela queda de Sancho, e pela astuta e perfida politica de seu irmão o conde de Bolonha. N'esses annos de inquietação e anciedade o povo pagou o seu tributo de sangue e discordias, a par das poderosas classes, que enriquecia com o suor das fadigas, ajudando-as com o auxilio do seu braço.

Tudo está dito. Agora a obra que responda! Fica entregue a bons padrinhos.

O resto pertence á fortuna, embora segundo affirmam os dramaturgos pateados, e os romancistas sem leitores, ella seja a deusa mais voluvel e mais cega que se conhece. Cada qual conta da festa como lhe vae n'ella!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT (1).

V.

Recobram-se os pintores do assombro em que os enlevára a apparição fascinadora da deusa de Chypre. O estro, pouco antes vencido e obumbrado pela magestade e pela seducção da formosura celeste, resplende novamente em todo o seu brilho e galhardia. Ora contemplam os artistas os contornos e as feições da encantadora divindade, ora lhes passam animados e ligeiros sobre o quadro os pinceis omnipotentes. É ella... é Venus... É agora que o poeta esquece a erudição e a historia da arte, para demonstrar que os traços e o colorido da palavra podem na tela do poema rivalisar em grandeza de concepção e no correcto do debuxo, com a palheta mais opulenta e imaginosa, com o mais arrojado e phantastico cinzel.

Eis a fórma gentil do corpo airoso
Salta, deslisa o fundo apavonado;
Roseos descurvam, se arredondam braços;
Ondeam na alva fronte as tranças de ebano;
Doce-brilham de amor os olhos meigos,
Os meigos olhos, que prazer scintillam,
Que o facho accendem dos desejos soffregos
E contra o debil resistir do pejo
Do atrevido mancebo a audacia imploram.
Nas lindas faces purpurea a rosa
Que insensível esvae na côr de neve,
Surri nos labios, o delirio, o encanto,
Que importuna razão tão doce afasta,
Que avidos beijos deliciosos, ternos
Annuncios de prazer mutuum fervidos.
Despontam no alvo, crystallino collo,
Os arcanos de amor, que anceam d'elle...

Um poema consagrado á apotheose da belleza e do amor devia terminar por uma apostrophe eloquente

(1) Continuado de pag 204 do presente volume.

á mulher que então reinava no coração do poeta, n'aquella idade em que o amor é um delirio, e em que a mulher que se idolatra aviva e engrandece a cada instante a inspiração, e se consubstancia com tudó o que a natureza offerece de mais suave, e o que a arte concebe de mais ideal e de mais puro. A Venus, que o poeta retrata n'aquelles versos apaixonados, tem um typo visível sobre a terra... É a *Analia*, cujos encantos, cujas seducções elle bosqueja nos versos finaes, dignos de rivalisar, na fluidez e na harmonia, com os mais affectuosos carmes da lyra antiga.

E foram estes versos, em que o poeta desata dos hombros a tunica subtil da sua amada, para lhe patentear, com alguma infracção do decoro feminil, as mais recatadas perfeições, os que, de certo, attrahiram sobre o poema a nota de licencioso, assim como as affectações de materialismo lhe valeram a censura de propender para a impiedade.

VI.

A revolução de 1820 é preciso não a julgar, nas praticas da sua existencia democratica, pelo que tinha de liberal e de democratico o seu credo revolucionario. É cousa notavel que na revolução as palavras precedem as idéas, as formulas á reforma publica, o sentimento ao raciocinio, e o enthusiasmo febricitante e supersticioso ao culto racional da verdadeira democracia. O povo presente a liberdade antes de a gosar. Acostumado a venerar-a de longe e timidamente, basta-lhe nos primeiros dias do triumpho a letra morta da liberdade antes do verbo democratico incarnado nas instituições e nos costumes. A aurora da revolução passa-se em ovações e em jaculatorias. Para estes festejos basta por orago uma abstracção e um nome. Para esta idolatria cega é sufficiente uma pomposa, embora vã, invocação. Para esta religião ainda mesclada das antigas crenças nacionaes, é bastante um idolo, que o povo prostra e exalta successivamente na sua inexperiencia apenas corrigida pelos primeiros vislumbres do instincto popular.

Os liberaes de 1820 tinham toda a sciencia especulativa dos revolucionarios sem o arrojo pratico das grandes reformas publicas. Eram, por assim dizer, uns demagogos academicos, que faziam da revolução um thema de disputações e um certame de dialectica. Ninguem mais do que elles sabia todos os antecedentes da grande revolução franceza. Não lhes eram reconditos os thesouros de toda a boa erudição democratica, nem lhes faltaram nunca as comparações campanudas da democracia antiga, nem os similes oratorios da revolução de França. Tinham de cór os eloquentes desvarios de Rousseau, e sabiam paraphrasear a tempo um trecho apropriado do *Choix des Rapports*. Faziam da liberdade um hymno, e da revolução um circo apparatuso. A par dos mais inspirados improvisos sobre a soberania popular, ouriçavam-se-lhes de terror santo as cabelleiras apolvilhadas ao menor tentamen de verdadeira emancipação popular. N'aquella revolução não se pôde dizer que houvesse entrado o povo em toda a magestade dos seus brios, em todo o esplendor da sua omnipotencia. Eram em grande parte as classes privilegiadas as que recrutavam no seu seio os primeiros campeões da cruzada liberal. Os fidalgos provincianos, que haviam levado a abnegação ao extremo de se constituirem patronos e fautores da liberdade, faziam os mais patrioticos idyllios sobre a igualdade, salva sempre a generosidade da sua prosapia, e a pureza dos seus escudos e brazões; mas entibiava-se-lhes a consciencia

ao menor assomo de reformação na propriedade, e á menor indicação de nivelamento nos proventos e nos encargos sociaes. O desembargador, ao revez do que eram, e são ainda todos os jurisconsultos, os esteios do despotismo, e os apostolos da ordem materialista, achavam na jurisprudencia razões e argumentos favoraveis á liberdade, e punham as pandectas de sentinella ao capitolio do patria regenerada; mas julgariam infamada a magestade da toga judiciaria, se alguém ousasse metter ordem no cahos da lei civil, e na oligarchia infrene da velha magistratura. O militar offerecia a sua espada e o seu braço para a defensão da liberdade, mas, docil a todas as reformas, e censor de todos os abusos, estremecia com a só idéa de alterar n'um apice a aristocracia das armas, e o character patriciano da profissão guerreira. Cada um cedia nas aras da patria os privilegios das outras classes, mas perseverava obstinado na conservação das suas proprias prerogativas. Havia só um ponto em que todos accordavam. Era a liberdade. Ora a liberdade não podia ser uma abstracção. Para ser verdadeira, é mister que seja a synthese de todas as liberdades, e a harmonia racional de todas as franquias cidadãs. Em 1820 a constituição mais democratica nas formulas e nos dizeres coexistiu com a tradição viva e estavel da monarchia que se julgava derrocar. Se um marquez, inflado da preeminencia da sua raça, opulento de tributos senhoreaes, e de vastas possessões hereditarias, adorna, em dia de commoção e de passageiro dominio popular, o seu chapéu agalado com o laço republicano, só os simples poderão acreditar que um diche insignificante terá força de annullar as tradições de muitos seculos e de retemperar o orgulhoso patricio no baptismo democratico. Pois foi o que em 1820 aconteceu á monarchia em Portugal. Trouxeram-n'a em todo o fulgor das suas pompas, na séde curul, a estancear um momento no foro. Por sobre a dalmatica real, deslumbrante de brocados e de pedrarias, lançaram-lhe a tunica plebeia. O sceptro incamaram-lh'o de carvalho civico; e sobre os lizes da corôa suspenderam ligeiramente o barrete da democracia. Revestida a monarchia com os novos paramentos liberaes, deixaram-lhe ao redor todas as instituições já condemnadas. Puzeram-lhe nas mãos a carta das liberdades, e deixaram-lhe ao redor o cortejo do despotismo. Era claro que a monarchia assim, aparentemente, desfigurada, só podia entrar alguns dias na farça da liberdade, em quanto ensaiava com recato a tragedia da reacção.

Mal se plantaram então as primeiras instituições revolucionarias, e ficaram todas de pé as instituições do absolutismo. Os mesmos privilegios de fidalguia; a mesma organização absurda de tribunaes; o mesmo systema de tributos; o mesmo principio e a mesma essencia na instrucção official; o desembargo do paço e a chancellaria mór do reino campeando a par dos direitos do homem; os alcaldes móres e os donatarios em amigavel sociedade com o suffragio popular; os direitos banaes avisinhando com a soberania do povo; as privanças nobiliarias servindo de glosa e de explicação á igualdade constitucional. Só a inquisição veiu a terra com o abalo. Estava decrepita e invalida. O marquez de Pombal accendêra pela ultima vez as fogueiras. Desde então aquella humana instituição durava como uma tradição sinistra, e agonisava como uma entidade ferida de quasi unanime reprovação. A inquisição, tornando-se compassiva, suicidava-se. Uma idéa que vive do terror, aniquila-se pela brandura. A monarchia envenena-se,

mesmo dando um escanho humilde á democracia, junto aos degraus do solio. A republica annulla-se, dando pela anarchia treguas á liberdade, e brios ao despotismo pela dictadura. A inquisição assigna a sua sentença, deixando extinguir uma vez o fogo implacavel da vindicta religiosa.

Não admira que n'uma quadra revolucionaria, de tão inauditas excentricidades, e de tão frisantes contradicções politicas e sociaes, vacillasse ainda a imprensa, entre o desafogo democratico e a censoria official. O que é certo é que o *Retrato de Venus* foi denunciado como offensivo aos bons costumes, e que o primeiro poema do sr. Garrett foi ao mesmo tempo o corpo de delicto em que assentou o primeiro julgamento do jury da imprensa em Portugal. Em Coimbra se instaurou a causa, mas trasladada depois para Lisboa, aqui veiu o poeta defender de fanaticas imputações o primeiro fructo sazonado do seu talento. Já então (1821) era o sr. Garrett bacharel em direito. Despontára para elle precoce a gloria de poeta; não menos no verdor dos annos havia de ser a primeira tentativa do orador. Deparava-lhe a fortuna, na juvenil liberdade de alguns versos, ensejo proprio para revelar agora na tribuna a outra não menos esplendida face do seu genio. Chegou o dia do julgamento. Compareceu o réu. Elle mesmo era tambem o patrono. Rompe o silencio, falla, enthusiasma-se na defesa, e enthusiasma jurados, juiz e auditorio. Absolve-o, mais que a leveza da culpa, a formosura do seu talento. Estava então entre os concorrentes o abade Correia da Serra, cujo nome era já na Europa o maior timbre litterario de Portugal. Conta-se que o velho, apenas findou a allegação, com abraços e vozes de sincera admiração, com que felicitava o mancebo orador, ali saudára desde logo o que seria mais ao diante uma das mais legitimas glorias da tribuna popular.

Fixou o poeta a sua residencia em Lisboa, e aqui andou mesclado ás peripecias e incidentes d'aquella quadra, tão propria, pela novidade dos acontecimentos e pelo desusado das idéas, a accender enthusiasmos, e a fomentar louvaveis ambições, e a aquecer esperanças lisongeiras, e a delinear futuros encantados n'uma imaginação, sobre fogosa pelo estro, apaixonada pela liberdade. Era por fins de 1821. Como succede em tempos de agitação e de civico fervor, a liberdade foi acclamada em todos os logares, e ministrou assumpto a todos os desafogos do pensamento. Das associações secretas, onde primeiro a saudaram em ritos de symbolica liturgia, veiu troar na praça os primeiros brados na eloquencia laconica dos vitzas; fez-se discreta e discursadora nas sessões do congresso, copiadas livremente nas sociedades patrioticas de então; da assembléa politica subiu a inspirar na scena os brios do cidadão. No theatro o seu maior e mais eloquente brado foi, sem duvida, o *Catão*.

O *Catão* compoz-se para satisfazer ás instancias de uma sociedade de pessoas instruidas e notaveis, pela sua posição e pelos seus talentos, a qual desejava representar n'um theatrinho particular de Lisboa um drama que fosse grandioso pela idéa republicana, e portuguez de lei, n'aquella quadra, tão supersticiosamente patriotica, e tão fanaticamente portugueza, que até adoptou, por ephemera moda, um trajo portuguez e um estofo patriotico. Escreveu o poeta o seu *Catão*, como se não houvera a tragedia de ser ouvida e gostada mais que por um auditorio de occasião. O proprio auctor confessa que n'um dia se iam escrevendo as scenas que no outro se haviam de decorar e ensaiar; tal era a abertura e estreiteza e

o anhelos de saudar no theatro, n'um sublime episodio da historia romana, o advento da liberdade em Portugal.

Como seria então julgado e apreciado o *Catão* n'aquelle ensejo, é superfluo quasi descrever. Dramas de infezado merito seriam n'aquelles dias scentelha bastante para accender enthusiasmos de liberdade. O *Catão*; victoriaram-n'o como a glorificação dramatica da liberdade. Muitos o julgariam então, fóra de toda a parcialidade politica, pelas bellezas do desenho, e pelo encanto e melodia da versificação. Todos, pelo menos os que de liberaes se prezavam, o saudaram como um hymno em que a republica, personificada no austero vulto de Catão, vinha moribunda e ultrajada pela lembrança da sua catastrophe, tornar mais appetecivel e preciosa a liberdade recentemente conquistada em Portugal.

Das tragedias que escreveu Garrett, o *Catão* é a em que elle, como mais predilecta sua, se revia, e em que mais se esmerou em retoques successivos e em repetidas correções. A *Lucrecia* era uma reminiscencia das primeiras leituras; a *Merope*, se podia pela gentileza do metro portuguez sonhar em glorias da posteridade, era, confessava-o o poeta, um arremedo de Maffei. O *Catão*, apesar de quasi improvisado, era um quadro original, onde a invenção e o debuxo, logo desde as primeiras pinceladas genuinas ganhariam em limpidez e em harmonia de colorido novas graças e primores novos em subseqüentes edições.

O assumpto era seductor para uma imaginação juvenil, porventura mais preocupada pelos devaneios da propria gloria do que pelas aspirações de patriotismo e de liberdade. Não ha nada mais grandioso do que era a historia romana, como a creram e nol-a ensinaram nossos paes, como ella era, poetica, magestosa, formosissima no seu patriotico fabular, e nas suas sombras, quasi mythologicas, como ella era antes que a *sciencia nova* de Vico, e a crítica severa, mas prosaica de Niebulhr, nol-a descarnassem e nol-a houvessem rebaixado á craveira das historias comuns. Pois n'essa historia, que era a chronica de gigantes escripta por inspiradissimos poetas, nada havia de mais solemne, de mais nobre, de mais heroico do que a ruina da republica depois da jornada de Pharsalia, e das victorias de Julio Cesar. Entre todos os vultos romanos sobrelevava a todos o busto de Catão. É generoso o empenho de Junio Bruto, vindicando a republica ainda nascente contra a tyrannia dos Tarquinius. É grandiosa a vindicta popular contra a oppressão patriciana dos decemviros. É poetica a salvação de Roma pelo esforço dos Horacios. Em todas estas historias, que ainda depois de despojadas dos seus ornatos populares, nos estão enlevando e dilatando a phantasia, é a republica que vence e o nome romano que se exalta; mas nada ha que iguale o desenlace da tragedia republicana dentro dos muros de Utica. Ha ali mais que n'outros lances, o que ha de mais tragico e de mais inspirador, um grande infortunio, e uma tremenda morte, e não o infortunio de um homem, ou de uma familia, senão a catastrophe de uma grande idéa, e não a morte de um vulgar protogonista de tragedia, senão a morte de um cidadão, que leva comsigo por mortalha a tunica da liberdade, e que tem por exequias as pompas funebres de Roma.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.



JANGADA DO BRAZIL.

A nossa gravura representa uma embarcação de feitiço singular, a que no vasto imperio do Brazil chamam *jangada*, e de que ali se servem, assim na pescaria, como tambem na pequena cabotagem. Em parte alguma do mundo, senão na America, e principalmente na famosa terra de Santa Cruz, se encontram barcos com tal fórma e apparencia: tambem em outra parte não cresce a arvore extraordinaria que dá a madeira de que se construe.

D'esta arvore, que se denomina *peyba*, nos offerece Gabriel Soares, na sua *Noticia do Brazil*, a seguinte informação.

«A *peyba* é uma arvore comprida, muito direita, tem a casca muito verde e liza, a qual arvore se corta de dous golpes de machado, por ser muito molle; cuja madeira é muito branca, e a que se esfolha a casca muito bem, e é tão leve esta madeira, que traz um indio do mato ás costas tres paus d'estes de vinte e cinco palmos de comprido, e da grossura da sua coxa, para fazer d'elles uma jangada para pescar no mar á linha, as quaes arvores se não dão senão em terra muito boa.»

Na construcção de uma jangada não entra uma só peça de ferro; e maravilha como apesar d'esta circumstancia sabem os indigenas dar-lhe a solidez necessaria para navegar no alto mar.

É a sua fórma tão singela como póde observar-se na gravura. Os madeiros de que se compõe o estrado da jangada, aguçados nas extremidades, são seguros uns aos outros com fortes cavilhas de madeira rija; para lhes darem a conveniente direcção servem-se de uma pá muito larga, preza á pópa. As maiores jangadas no Brazil têm de ordinario 7 a 8 metros de comprimento sobre 2,60 de largura. A véla, que é de lona, costuma ser da fórma de um triangulo isosceles. Ao meio do estrado costumam ás vezes levantar uma especie de toldo com esteiras, debaixo do qual se acondiciona a carga, e se abrigam tripolantes, e passageiros, quando os ha.

Um navegante experimentado escreveu que ficára tomado de assombro quando vira pela primeira vez uma d'estas jangadas.

Outro escriptor distincto, Koster, diz que o effeito que produzem estas grosseiras jangadas é tanto mais singular quanto é certo que mesmo a pouca distancia só se vê a véla, e os dous homens que as dirigem.

Jangadas mais pequenas do que estas a que nos

referimos, e de mais simples construcção ainda, servem para atravessar os rios do interior.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

OUTUBRO 1

- 1795—Reunião da Belgica á França.
 1527—Tomada e saque de Pavia pelos francezes.
 1822—O sr. D. João VI jura a constituição diseutada e approvada pelas córtes.
 2
 1186—Tomada de Jerusalem por Saladino.
 1831—Morte do famoso padre José Agostinho de Macedo.
 3
 1569—Batalha de Montcontour, ganha pelos catholicos francezes.
 4
 1705—Estánislau Leczinski é coroado rei da Polonia em Varsovia.
 5
 1607—É assassinado em Veneza o celebre Fra Paolo (Paulo Sarpi).
 1584—O nosso Fr. Heitor Pinto, auctor da *Imagem da Vida Christã*, morre envenenado em Hespanha.
 6
 1840—A camara dos pares de França condemna a prisão perpetua o actual imperador dos francezes, Napoleão III.
 7
 1799—Os russos são desbaratados na ponte de Basingen.
 1683—Os turcos derrotam completamente as tropas de João Sobieski, rei de Polonia, perto de Strigonia.
 8
 1690—Tomada de Belgrado pelos musulmanos.
 9
 1406—Tomada de Piza pelos florentinos.
 1261—Nasce el-rei D. Diniz, o *lavrador*, sem duvida um dos mais excellentes monarchas portuguezes.
 10
 1831—Morte de Carlos Fourier, um dos mais profundos pensadores da nossa epocha.
 11
 732—Carlos Martel desbarata os sarracenos junto a Poitiers, fazendo-lhes uma mortandade espantosa.
 12
 1492—Descobrimto da ilha de S. Salvador por Christovão Colombo.
 13
 1716—Temeswar é tomada aos turcos pelos imperiaes.
 1307—São prezos todos os templarios por ordem de Filippe o *Bello*.
 14
 1648—Paz chamada de Westphalia entre a França e o imperio.
 15
 1591—Morte do papa Gregorio XIV.
 1809—A Illyria é annexada á França.
 16
 456—Deposição do imperador do occidente Avitus.
 1311—Supressão da ordem de S. João de Jerusalem, ou do Templo.